



ISSN: 2230-9926

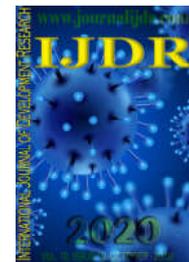
Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

*International Journal of Development Research*

Vol. 10, Issue, 10, pp. 41120-41124, October, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19773.10.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## A CRIANÇA E A MORTE: UM ESTUDO ACERCA DO LÚDICO NO PROCESSO DE LUTO INFANTIL

**Daniela Ponciano Oliveira\*<sup>1</sup>, Andressa Dantas da Silva<sup>1</sup>, Ellen Fernanda Klinger<sup>2</sup>, Thamires Reis Amorim<sup>1</sup>, Kaffilla Alves Botelho<sup>1</sup>, Keytianny Alencar de Oliveira<sup>1</sup>, Luis Filipe Bonaparte Milhomem<sup>1</sup>, Maria Aparecida Arruda<sup>1</sup>, Gisele Alves Rodrigues<sup>1</sup>, Maysa Oliveira Glória<sup>1</sup>, Kássia Silva Oliveira<sup>1</sup>, Tatiana de Araujo Rios<sup>1</sup> and Vanessa Mendes de Oliveira Mota<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Departamento de Psicologia da Universidade de Gurupi - UnirG

<sup>2</sup>Departamento de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Gurupi - UnirG

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 14<sup>th</sup> July, 2020

Received in revised form

6<sup>th</sup> August, 2020

Accepted 20<sup>th</sup> September, 2020

Published online 24<sup>th</sup> October, 2020

#### Key Words:

Criança; Lúdico; Luto Infantil; Morte; Psicoterapia.

#### \*Corresponding author:

**Daniela Ponciano Oliveira**

### ABSTRACT

O luto infantil é cercado de senso comum, no qual de maneira errônea a criança é vista como a incapaz de compreender ou lidar com a morte. Ao contrário do que se tende a pensar, a criança consegue sim assimilar a perda e se sensibiliza com esta realidade. Nessa perspectiva, a criança possui a capacidade compreensiva a respeito da vida e da morte, e pode expressar seus sentimentos através do lúdico. Desta forma, o objetivo do artigo é contribuir com a propagação da importância de compreender o sofrimento psíquico da criança em situações perdas, bem como abordar a necessária busca de recursos lúdicos e terapêuticos para utilizar com crianças em processo de luto. Conclui-se que a psicoterapia com crianças enlutadas assume um caráter benéfico onde se prioriza o cuidado e o acolhimento. Como a linguagem infantil, não se restringe à forma oral, a comunicação de forma lúdica é fundamental e requer uma maneira especial de compreender, escutar, acompanhar em seu brincar.

Copyright © 2020, Daniela Ponciano Oliveira et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Daniela Ponciano Oliveira, Andressa Dantas da Silva, Ellen Fernanda Klinger, Thamires Reis Amorim. 2020. "A criança e a morte: um estudo acerca do lúdico no processo de luto infantil", *International Journal of Development Research*, 10, (10), 41120-41124.

### INTRODUCTION

O tema luto ainda é tratado com receio por grande parte das pessoas e em muitas culturas, pois, este conceito traz consigo certo desconforto. Apesar de ser uma experiência universal, o luto pela perda de quem se ama pode ser vivenciado de modo assustador e desorganizado. Esse processo provoca questionamentos e reflexões, a vida então passa a ser repensada, as relações tendem a ser refeitas, nada mais é, como era antes, nesse sentido, há uma transformação na identidade pessoal do enlutado. Apesar de todo o tabu em relação à experiência do luto, há vida neste processo, existe esperança de transformação, e a possibilidade de recomeçar. Uma vez que, naturalmente tem-se um tempo de chegar e de partir, e a condição humana é feita de pequenos e grandes lutos, através dos quais, remota a característica de ser mortal (Franco & Mazorra, 2007).

As situações de perdas e luto fazem parte do desenvolvimento humano e, são necessárias para a constituição e formação do sujeito. Vivenciar experiências de perdas é inevitável. Elas vão desde o nascimento de um irmão, mudança de ciclo de vida (infância para adolescência), separação dos pais, mudança de escola, cidade, perda de um emprego, relacionamentos, de um animal de estimação, a perda da própria saúde ou de pessoas amadas (Kovács, 1992a). Nestes casos e em tantos outros, o indivíduo expõe-se a um luto pela condição anterior. A experiência do luto é, contudo, um desafio para quem vivencia e, quando se trata de crianças, pode ser ainda mais difícil e complicado, por vários fatores. É compreensível, que o luto para o adulto provoca uma desorganização psíquica, no entanto, quando se refere à criança pode, então, ser mais desorganizador, já que essas se encontram em desenvolvimento psíquico e emocional (Leandro & De Freitas, 2015). A temática do luto infantil é cercada de senso comum, no qual de maneira errônea a criança é vista como a incapaz de

compreender ou lidar com a morte. Corroborando, os autores Anton e Favero (2011), mencionam que omitir as informações às crianças tem por base a crença de que elas não teriam capacidade de sentir e compreender a perda e de que as expor a tal informação poderia ser mais traumático do que a omissão. Em contrapartida, Aberastury (1992), esclarece que ao contrário do que se tende a pensar, a criança consegue sim assimilar a perda e se sensibiliza com esta realidade, de modo que, conversar com a criança, explicar a experiência da perda de maneira verdadeira é importante para que possa realizar o processo de luto de uma forma saudável. Nessa perspectiva, a criança possui a capacidade compreensiva a respeito da vida e da morte, no entanto, o diálogo com ela sobre o assunto deve levar em consideração a fase de seu desenvolvimento, pois, na infância a compreensão dos componentes fundamentais para a definição da morte, não ocorrem da mesma forma que a do adulto, o que não significa que ela não tenha algum entendimento sobre o evento. Quando o adulto busca ocultar a perda, evita ou não fala sobre a morte, a criança tende a manifestar sintomas referentes a falta de diálogo compreensivo, e pode surgir sentimentos de confusão e desamparo (Affonso & Teixeira, 2015). Em situações envolvendo perdas, conflitos e traumas decorrentes da morte, a psicologia é uma das ciências que se questiona acerca do modo de lidar e mencionar sobre a morte com as crianças, buscando alternativas e recursos terapêuticos para compreender, abordar e auxiliar a superar a vivência traumática. Como os olhares voltam-se ao universo infantil, o lúdico e o seu emprego são instrumentos essenciais na comunicação com a criança, estando dentre tais recursos, as brincadeiras, o desenho, as narrativas como contos, histórias e fábulas, bem como as técnicas projetivas (Affonso & Teixeira, 2015; Barreto & Rocha, 2015). Partindo desse pressuposto, essa pesquisa bibliográfica tem como objetivo contribuir com a propagação da importância de compreender o sofrimento psíquico da criança em situações perdas, bem como abordar a necessária busca de recursos lúdicos e terapêuticos para utilizar com crianças em processo de luto.

**A compreensão da morte na infância:** A morte é um processo natural e acontece com todas as pessoas, mesmo se tratando de algo concreto, o assunto gera desconfortos e tende a ser evitado. Quando a morte e o processo de luto se referem ao público infantil o assunto é ainda mais camuflado, embasado pelo estigma de que a criança não compreende e não sente os sentimentos gerados pelas situações de morte. Falar da morte não é uma tarefa fácil, visto que o tema pode causar incertezas, medos, ansiedades e inquietações. No entanto, a vivência do luto é inevitável. Quando se trata de crianças as complicações de conversar sobre o assunto parecem aumentar. Ainda, existe o questionamento por parte de alguns e a certeza por outros acerca da incompreensão da morte pela criança (Soares & Mautoni, 2013). A compreensão da morte durante a infância pode não ser identificada pelos adultos, no entanto, a criança ao seu modo compreende a morte desde o início da infância, essa expressão vai de acordo com os recursos próprios da idade. No entanto, é importante salientar que nem sempre a criança fala sobre morte, mas, compreende e pode representá-la, seja através do lúdico, das atividades gráficas, histórias infantis ou, até mesmo, na forma de um sintoma e adoecimento (Affonso & Teixeira, 2015). Torna-se necessário compreender que o processo e os resultados das reações da criança ao luto dependerão de vários fatores, como por exemplo, a idade, o estágio de desenvolvimento em que ela se encontra, sua estabilidade

emocional e psicológica e da significação que a perda representa, isto é, a intensidade e diversidade dos vínculos afetivos (Torres, 1996). O processo de enlutamento infantil tem suas peculiaridades de acordo com fase do desenvolvimento que a criança se encontra. A morte de uma pessoa próxima afetivamente pode trazer prejuízos ao seu crescimento saudável e o não falar da morte e das perdas pode gerar dificuldades na elaboração do luto infantil. De acordo com fase do seu desenvolvimento a criança pode compreender a morte como evento temporário e que pode ser revertido (Comes & Mussoi, 2005). Confrontar-se com a perda de alguém que se ama é um momento difícil em qualquer faixa etária, sobretudo, quando ainda não se possuem recursos internos para superar esse processo. (Cavalcanti, Samczuk, & Bonfim, 2013). Desta forma evidencia que quanto mais jovem é a criança, maiores serão os efeitos que essa morte e o luto negado acarretarão. A criança mantém impressa no seu psiquismo emoções e registros quando vivencia uma situação relacionada à morte. A forma de ela expressar e organizar sua compreensão e seus sentimentos tem relação ao seu desenvolvimento afetivo e cognitivo. Entretanto, a forma que a criança irá compreender a morte dependerá em qual idade se encontra. Até certa idade, as crianças não conseguem compreender os aspectos centrais relacionados ao assunto, o que torna de suma importância que os adultos disponibilizem informações verdadeiras e adequadas ao entendimento infantil (Von Hohendorff & de Melo, 2009).

Kübler-Ross (2017), descreve a compreensão da morte nas diferentes faixas etárias da criança da seguinte forma: até os três anos, a morte é vista como uma ausência a ser provisória ou como uma separação; a criança nessa idade dão vidas a objetos inanimados; sente pena e saudade diante da morte é vista como um fato reversível, como o sono. De acordo com a autora, quando a criança possui seis anos, surge uma nova consciência e percepção sobre a morte, e as reações afetivas passam a serem nítidas diante da mesma. É nessa fase que o temor da morte dos pais aumenta, e começa a traçar um paralelo entre doença e morte. Aos sete anos, surge na criança a capacidade compreender, de julgar e avaliar causa e efeito, juntamente com a personificação da morte. Por volta dos oito a nove anos, surge a ideia de morte como evento irreversível, sem envolvimento pessoal e universal. A criança aceita-a como algo natural e sem volta. Para que a criança consiga assimilar de fato o que é morte, é necessário que ela entenda dois conceitos fundamentais: o de irreversibilidade e o de universalidade. A irreversibilidade diz respeito à compreensão de que o corpo físico não pode viver depois da morte, e a universalidade refere-se à compreensão de que tudo que possui vida está suscetível à morte. As crianças que vivenciam a morte são afetadas de diferentes formas e o problema não é a morte em si, mas o que se segue após ela, ou seja, o luto (Barreto & Rocha, 2015).

**Implicações do luto na infância:** Após a perda de um ente querido, as crianças podem apresentar tristeza profunda ou idealizar que o familiar que morreu permanece vivo. Neste momento se é negado o falar da morte para ela, o sentimento de tristeza pode aumentar ou a persistência em negar a morte de seu ente querido, poderá acarretar sérios problemas no futuro. A atitude de poupar a criança em uma situação de morte, por muitas vezes é um argumento adulto para evitar falar do assunto que lhe causa incômodo. É de suma importância conversar sobre a finitude humana, explicar sobre a irreversibilidade da morte e os sentimentos em relação a

perda (Leandro & De Freitas, 2018). A morte provoca na criança conflitos internos intensos, dentre os quais, podem surgir sentimento de culpa, temor, dor e saudade. Falar sobre morte, tanto para o adulto, quanto para a criança, pode gerar sentimentos difíceis de serem expressos. No entanto, o não falar da dor de perder alguém querido não significa que a criança não a sinta, muitas vezes, as crianças não relatam o seu sentimento em relação à perda e podem estar sofrendo e não consegue lidar com isso de modo saudável (Kovács, 1992b). Deste modo, é importante falar e considerar as curiosidades da criança com relação à morte, visto que quando há um silêncio com relação a essas curiosidades, pode levá-la a reprimir seus sentimentos diante da notícia da perda de alguém com quem possuía vínculos afetivos. Além disso, reprimir sentimentos poderá refletir em dificuldade em lidar com conflitos, tanto internos como externos, o que poderá resultar em distúrbios no comportamento (Hispaniol, 2011). Para que o processo do luto seja elaborado, é necessário que a criança vivencie os sentimentos que ele lhe provoca, e deve ser encorajada a expressar sobre as suas emoções e o que está sentindo. Nesse sentido, intervenções psicoterápicas, onde a criança consiga expressar seu luto e a sua fantasia do não dito, através do lúdico, aparecem com o objetivo de auxiliá-la a passar por esse momento delicado, a devolver-lhe a possibilidade de autonomia e a capacidade de enfrentamento das situações adversas das perdas (Louzette & Gatti, 2007). Em suas análises de casos envolvendo o luto infantil, Aberastury (1992), demonstra que alguns fatores prévios refletirão na maneira que a criança elaborará o luto. De acordo com a autora:

O equilíbrio mental prévio às circunstâncias da morte, as atitudes dos familiares com relação ao fato e a forma como é comunicado são fatores que entorpecerão ou facilitarão a elaboração do luto, processo por si só difícil e doloroso de se realizar (1992, p. 180). O falar claramente sobre a morte de alguém promove um sentimento de segurança e amadurecimento infantil. Do contrário, enganar a criança é privá-la de desenvolver-se e pode causar sérios danos psicológicos. É certo que, a criança compreende a morte, e por meio do lúdico, é possível a expressão dos aspectos emocionais, afetivos, sociais e familiares. Desta forma, a criança, pode expressar suas emoções e sentimentos que não foram verbalizados e que lhes causam sofrimento (Barreto & Rocha, 2015).

**O lúdico no luto infantil:** Melaine Klein (1969), uma das precursoras da psicanálise infantil, idealizou a técnica da análise pela atividade lúdica, para ela o brincar era a linguagem de expressão da criança. O brincar, atividade natural das crianças, foi considerado a expressão da fantasia inconsciente. Da mesma forma que para Winnicott (2020), o desenho permite que a criança expresse seu trauma, conflito ou problema prevalente vivenciado. O desenho realizado pela criança e o brincar são criações subjetivas que se baseiam na capacidade de reparação. Desta forma, a comunicação da criança acontece através do simbólico e do lúdico. Na análise o brincar, o desenho, a dramatização, o contar histórias, são meios de grande valor no processo terapêutico. A utilização de recursos lúdicos contribui com a vida de uma criança durante a terapia (Ponciano, Klinger, Ponciano, Amorim, & Soares, 2020). A partir do uso do lúdico, do amparo e do acolhimento do terapeuta, as crianças em situações de perdas começam a se sentirem seguras no setting e, através da imaginação e da fantasia, elas conseguem dar início a um processo elaborativo

de simbolização de seus conflitos internos. Após a vivências de situações, como luto, separação, ou abandono a criança pode se comportar de forma agressiva e violenta, porém, esses elementos podem ser elaborados através do lúdico, o que permite à criança um desenvolvimento gradual para um movimento criativo infantil (Castro & Stürmer, 2009). As atividades lúdicas, representam de modo simbólico as fantasias, os desejos e as experiências vividas na infância, dessa maneira, torna-se instrumento para a criança expor situações ou vivências que a afligem. O brincar pode ser usado de maneira terapêutica, pois facilita a expressão da realidade psíquica da criança (Klinger, Barcelos, Azevedo, & Oliveira, 2020). A função do brincar, é ressignificar as experiências traumáticas, conflituosas e difíceis. Quando a criança realiza uma atividade lúdica, inicia-se um movimento catártico que possibilita o processo elaborativo da situação que outrora foi vivenciado de maneira desagradável e sofrida (Ponciano et al., 2020). A ludoterapia permite o acesso às fantasias infantis inconscientes, ajuda na elaboração das angústias frente a sua perda e propicia à criança o conhecimento da sua realidade interna e psíquica (Affonso, 2009). Da mesma forma que no brincar a criança consegue exprimir seus conteúdos internos, os testes e técnicas projetivas são recursos pertinentes que permitem a expressão das fantasias inconscientes.

**A utilização dos métodos narrativos no luto infantil:** Como já mencionado, percebe-se a necessidade de estratégias de intervenção tanto na comunicação como no trabalho sobre os sentimentos gerados pelo assunto morte com as crianças. Tal aspecto é assinalado e trabalhado por (Paiva (2011), no livro “A arte de falar sobre a morte com crianças”, no qual a autora insere as obras literárias como recurso importante para abordar e trabalhar com o tema, utilizando as histórias infantis como instrumentos facilitadores e canalizadores do sofrimento. Dessa forma utilização de métodos narrativos como fábulas, contos e histórias na psicoterapia infantil promove um ambiente acolhedor para a criança que vivencia uma situação de perda. (Andrade, Mishima-Gomes, & Barbieri, 2018). Esses recursos quando utilizados como instrumentos terapêuticos, oferecem uma via de acesso à manifestação de sentimentos, medos, angústias e sofrimentos, bem como, encoraja a criança a partir do lúdico, simbolizar seus conteúdos que causam sofrimento (Gutfreind, 2003; Klinger, Miranda, Oliveira, Wislocki, & da Silva Ribeiro, 2020). Os métodos narrativos infantis, como fábulas e contos oferecem às crianças uma circunstância favorável para a manifestação de suas fantasias, simbolização dos sentimentos e a diminuição da tensão conflituosa interna. A utilização das fábulas e contos de fadas traz o simbolismo para a vida infantil, e pode ser um fator protetivo para a criança em situação de luto, ter a capacidade de simbolizar suas angústias (Zatti & Kern, 2014). As contribuições psicológicas desses recursos para o desenvolvimento infantil são imensas. As histórias mágicas como os contos e as fábulas trazem fantasias que acompanham a riqueza simbólica, contribui com desenvolvimento criativo e psíquico saudável, auxilia na capacidade de socialização, na elaboração do sofrimento, conflitos, perdas e simbolizações de eventos traumáticos (Klinger, Miranda, et al., 2020; Lopes & Dellagiustina, 2017). As histórias infantis, as fábulas e os contos de fadas têm grande relevância na vida de uma criança. Quando esses métodos são utilizados como recursos terapêuticos, possibilitam lançar um elo entre a realidade e a simbolização consciente e o inconsciente, promovem a saúde emocional por meio do lúdico, do simbolismo e da expressão de angústias.

Por meio das narrativas infantis, tem-se a abertura de espaços potenciais, lúdicos, e verbalizações criativas em torno da realidade psíquica da criança. Através desses instrumentos lúdicos, a criança em sofrimento decorrente de perdas busca uma reparação em âmbito simbólico de suas experiências negativa e conflituosa, tornando-as livre desses sentimentos (Lopes & Dellagiustina, 2017). Nas narrativas que estimulam a imaginação das crianças como as fábulas e os contos de fada, são empregados fantasias, dons sobrenaturais, personagens como magos, bruxas, ogros, animais que falam, príncipes, princesas, reis, pessoas comuns e objetos mágicos. E tem como característica a existência do bem e do mal de maneira simples, possibilitando que as crianças compreendam melhor a essência da história (de Moura & Assis, 2018). Nessas histórias, as crianças expressam seus receios e medos, como luto, separação, desmame, independência, dentre tantos outros, sendo a morte um tema recorrente nos contos e que desperta as mais variadas fantasias e emoções infantis (Corso & Corso, 2013). No livro “O Terapeuta e o Lobo”, de Guttfreind (2003), mostra que, através das narrativas infantis no tratamento psicológico com a criança, tem-se a possibilidade de elaborar os conflitos psicológicos que não ficaram resolvidos e geram sofrimento, como luto, angústia e abandono. Além do mais, os contos e demais estórias estimulam a criatividade, o lúdico, a expressividade e a autonomia da criança.

#### **O uso de técnicas projetivas na expressão do luto infantil:**

Os métodos projetivos oferecem acesso ao mundo dos significados, sentidos e sentimentos do sujeito. Tais instrumentos revelam-se aquilo que não pode ou não quer dizer-se e caracterizam por serem de natureza relativamente não estruturada, ambígua e amorfa, da mesma forma como na liberdade da resposta e do tempo diante de estímulos indefinidos e flexíveis. Deste modo, o material externo se evidencia como impreciso ou indeterminado para criar maiores possibilidades de revelação dos aspectos internos. Se por acaso, o instrumento projetivo for definido, ao verbalizar sobre ele o sujeito tende a estar aproximado de uma explicação objetiva da sua realidade externa. Ao contrário, diante das indefinições dos elementos, a pessoa está mais próxima de expressar seu mundo interior (Pinto, 2014). Os instrumentos projetivos, como os desenhos, o procedimento de desenho-história, o teste das fábulas, teste dos contos de fadas, permitem aproximar da criança e compreender seu funcionamento psíquico. Eles oferecem estímulos ambíguos ou pouco definidos, desta forma a criança precisa recorrer para diferentes condutas, sejam verbais, gráficas ou lúdicas para dar formato ao sentido emocional a essa característica da realidade que o impulso projetivo representa. Dessa maneira, entende-se que toda produção projetiva é uma criação que simboliza o jeito de estabelecer contato com a realidade interna e externa (Affonso, 2009).

A função dos métodos projetivos é semelhante às associações livres que os adultos utilizam para relatarem situações dolorosas, bem como elaborá-las. Por meio da projeção nas atividades lúdicas, a criança alivia seu aparelho psíquico da ansiedade e a angústia decorrente das situações traumáticas até mesmo das situações desagradáveis oriunda das perdas (Castro & Stürmer, 2009). Franco e Mazorra (2007) investigaram em sua pesquisa com crianças enlutadas pela morte de um dos genitores, as fantasias inconscientes e a sua relação com o processo de elaboração do luto. Para tal pesquisa, as autoras utilizaram de uma técnica projetiva. O estudo foi composto por crianças de ambos os sexos de 3 a 8 anos de idade,

indicados para atendimentos psicoterápicos. Por meio do método projetivo (técnica do Desenho Estória) as crianças puderam manifestar suas fantasias inconscientes relacionadas à perda. Como resultado, as autoras evidenciaram que foi possível identificar os fatores que facilitam e os que dificultam a elaboração do luto infantil, através da técnica foi verificou-se também que as fantasias inconscientes refletem no processo do luto e seu conhecimento conduz à compreensão dos sintomas, comportamentos e sentimentos, que favorece a elaboração do luto. Nos métodos projetivos, as fantasias inconscientes encontram uma linguagem apropriada, que comunica indiretamente alguma coisa a respeito da natureza das emoções, por intermédio de personagens, enredos, dramatizações, traçados, figuras, cenários e muitos outros aspectos. Essas manifestações passam a ser representações das quais o examinando para expressar a linguagem do inconsciente, podem constituir de elementos simbólicos (Zatti & Kern, 2014). Assim, os métodos projetivos, apesar de alguns serem utilizados para fins de diagnósticos, também podem ser utilizados como recursos terapêuticos e favoráveis à compreensão da dinâmica emocional de crianças que sofreram a perda e passam por situação de luto (Trinca, 2013).

#### **Conclusão**

Ao longo da vida, o indivíduo passa por diversas situações de perdas, e estas de certa forma, contribuem para a evolução e crescimento do sujeito. As perdas vão desde uma mudança, até uma situação de morte, ou seja, passar pelo processo de luto é inevitável. A morte é um processo natural e irreversível, apesar da compreensão da universalidade do conceito, o tema ainda é considerado tabu. E, quando envolve uma criança, o falar se torna mais desconfortável, o que contribui com os preconceitos estabelecidos de que a criança não compreende ou não sente com a morte de um ente querido. Apesar de não ser da mesma forma que o adulto, a criança compreende e vivencia o sentimento de perda, no entanto, se ela não é estimulada a expressar de forma saudável, o não dito pode surgir em forma de sintomas e adoecimento. A vida também é feita de despedidas e a criança é capaz de entender isso. Quanto mais informações ela receber, menos doloroso será o seu luto. Desta forma, propõe com esse estudo contribuir, com a propagação da importância de compreender o luto na infância, bem como apresentar as contribuições do uso do lúdico sobre o manejo de crianças enlutadas. São significativos os estudos que abordam situações de luto para a psicologia, bem como a utilização de recursos lúdicos para trabalhar essas situações que geram desconfortos, mas que podem demonstrar eficácia no processo terapêutico de crianças enlutadas que busca acompanhamento psicológico.

Conclui-se que a psicoterapia com crianças enlutadas assume um caráter benéfico onde se prioriza o cuidado e o acolhimento. Como a linguagem infantil, não se restringe à forma oral, a comunicação de forma lúdica é fundamental e requer uma maneira especial de compreender, escutar, acompanhar em seu brincar. Desse modo, o estabelecimento de contato e vínculo, deve ser livre de censura ou julgamentos, com o intuito de que a criança perceba o espaço acolhedor, onde ela possa expressar seus sentimentos. Na elaboração do luto, é indispensável que as crianças recebam informações adequadas, claras e abertas sobre a morte de uma pessoa querida, do contrário, abre-se espaço para a tristeza o medo e a culpa, ou seja, as tentativas de evitar o fato ou ocultar e diminuir sua importância tende a dificultar a compreensão e a

vivência desse processo. É importante ressaltar que a maneira mais saudável de ajudar as crianças que passaram por uma situação de perda de alguém significativo, é promover uma comunicação aberta e segura, como o objetivo de proporcionar a elas o tempo suficiente para expressar seus sentimentos e emoções. Sobre o uso do lúdico, dos métodos narrativos e das técnicas projetivas em psicologia, verifica-se que tais recursos auxiliam e facilitam a comunicação do terapeuta com a criança, como também contribuem para o fortalecimento de vínculo, sendo que durante o processo psicoterapêutico pode-se trabalhar com as questões trazidas pela criança a partir dos elementos simbólicos por ela utilizados como meios de elaborar seus conflitos através do lúdico. Ademais, o laço afetivo estabelecido pela criança com o terapeuta proporciona um efeito transformador nas fantasias, e assume um papel muito importante para o processo elaborativo do luto na infância.

## REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1992). *Psicanálise da criança: Teoria e prática. Porto Alegre: Artmed.*
- Affonso, R. M. L. (2009). *Ludodiagnóstico: Investigação clínica através do brinquedo.* Artmed Editora.
- Affonso, R. M. L., & Teixeira, T. (2015). A ludoterapia como forma de intervenção em lutos infantis. *Revista FACISA ON-LINE, 4(1).*
- Andrade, M. L. de, Mishima-Gomes, F. K. T., & Barbieri, V. (2018). Luto infantil e Capacidade Criativa: A Experiência de Perder um Irmão. *Psico-USF, 23(1), 25–36.*
- Anton, M. C., & Favero, E. (2011). Morte repentina de genitores e luto infantil: Uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia, 15(1).*
- Barreto, J. B. M., & Rocha, M. V. (2015). A Ludoterapia no Processo do Luto Infantil: Um Estudo de Caso. *Pesquisa em Psicologia-anais eletrônicos.*
- Castro, M. da G. K., & Stürmer, A. (2009). *Crianças e adolescentes em psicoterapia: A abordagem psicanalítica.* Artmed Editora.
- Cavalcanti, A. K. S., Samczuk, M. L., & Bonfim, T. E. (2013). O conceito psicanalítico do luto: Uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicólogo informação, 17(17), 87–105.*
- Comes, L. G. M. B., & Mussoi, M. B. (2005). Manifestações depressivas da criança enlutada. *Disciplinarum Scientia| Saúde, 6(1), 173–190.*
- Corso, D. L., & Corso, M. (2013). *Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis.* Artmed Editora.
- De Moura, J. G., & Assis, M. de F. P. (2018). Psicanálise e Contos de Fadas no Processo de Elaboração do Luto Infantil. *Perspectivas em Psicologia, 22(1).*
- Franco, M. H. P., & Mazonra, L. (2007). Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia, 24(4), 503–511.*
- Gutfreind, C. (2003). *Terapeuta E O Lobo, O.* Casa do Psicólogo.
- Hispanol, I. G. R. (2011). *O luto infantil e a construção de significados familiares frente à morte de um ente querido.*
- Klein, M. (1969). *A psicanálise de crianças.* Porto Alegre: Artmed.
- Klinger, E. F., Barcelos, G. V., Azevedo, W. A., & Oliveira, D. P. (2020). O brincar como recurso de promoção à saúde em psicoterapia. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, 10(1), 145–155.*
- Klinger, E. F., Miranda, F. J., Oliveira, D. P., Wislocki, A. C. N., & da Silva Ribeiro, D. (2020). Contents of Fairs as an Intermediary Resource in Psychotherapy of Children's Group: Experience Report. *International Journal of Advanced Engineering Research and Science, 7(1).*
- Kovács, M. J. (1992a). *Morte e desenvolvimento humano.* Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (1992b). Morte, separação, perdas e o processo de luto. *Morte e desenvolvimento humano, 2, 149–164.*
- Kübler-Ross, E. (2017). *Sobre a morte e o morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes.* WWF Martins Fontes.
- Leandro, J. C., & De Freitas, P. M. L. (2015). Luto infantil: A vivência diante da perda de um dos pais. *REVISTA UNINGÁ, 46(1).*
- Lopes, I., & Dellagiustina, M. (2017). Psicoterapia infantil mediada por contos infantis: Estudo de caso na perspectiva do Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama, 25(1), 28–37.*
- Louzette, F. L., & Gatti, A. L. (2007). Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. *Iniciação científica, 1, 77–79.*
- Paiva, L. (2011). *A arte de falar da morte para crianças.*
- Pinto, E. R. (2014). Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 17(1), 135–153.*
- Ponciano, D., Klinger, E. F., Ponciano, J. V., Amorim, T. R., & Soares, D. N. (2020). Playing and Its Importance in the Child Psychoanalytic Therapeutic Process. *International Neuropsychiatric Disease Journal, 12–16.*
- Soares, E. G. B., & Mautoni, M. A. de A. G. (2013). *Conversando sobre o luto.* Editora Agora.
- Torres, W. da C. (1996). A criança diante da morte. *Arq. bras. psicol. (Rio J. 1979), 31–42.*
- Trinca, W. (2013). Formas compreensivas de investigação psicológica: Procedimento de desenhos-estórias e procedimentos de desenhos de família com estórias. *São Paulo: Vetor.*
- Von Hohendorff, J., & de Melo, W. V. (2009). Compreensão da morte e desenvolvimento Humano: Contribuições à Psicologia Hospitalar. *Estudos e pesquisas em psicologia, 9(2), 480–492.*
- Winnicott, D. W. (2020). *O brincar e a realidade.* Ubu Editora.
- Zatti, C., & Kern, C. D. (2014). A importância dos contos de fadas como instrumento de trabalho para a psicoterapia infantil. *Diaphora, 14(2), 6–17.*

\*\*\*\*\*